

LAJEDO

A três terras estou intimamente ligado. Lajedo, onde nasci e vivi até os doze anos; Nazaré da Mata onde estudei, casei e nasceu meu filho único; e Limoeiro, onde estou há mais de 40 anos.

Outras terras me prendem por sentimento. Garanhuns e João Pessoa, cenário de minhas aulas no Seminário. Passira finalmente, que me conferiu cidadania honorífica.

Lajedo geograficamente, fica a uma altitude de 662 metros, tendo por isto um clima ameno. Sua área é pequena, apenas 118 quilômetros quadrados ocupando espaço que forma o Agreste Meridional, situando-se a meio caminho entre Caruaru e Garanhuns. Rio, só tem um, o Chata. Vive a maior parte do ano seco e as cimeiras que oferece, no verão, são salgadas de não dessecar animais. A topografia é plana, e com elevações: Prata, berço de minha mãe; Olhinhos d'água e Pereiros.

No sítio Kágado nasci, e lá, viveu no século passado Vicente Ferreira. Um dos filhos de Lajedo entendeu de fundar uma cidade. Procurou um lugar de muitas lajes, a que chamavam Lajeiro de Santo Inácio, daí surgiu Lajedo. Era o ano de 1852. Em frente a uma frondosa gameleira construiu casa de moradia que ainda existe, na Praça de Santo Antônio. É a casa n.º 17, bem perto da Matriz.

Há casas históricas em Lajedo que deveriam ser preservadas: a de Capitu, a de José Ferreira, também conhecido por Barão Cazuzza, e uma casinha propriedade de minha família, onde funcionou a Prefeitura, na sua elevação de vila a cidade. O arrojo de Barão Cazuzza só veio a positivar-se no ano de 1900, primeiro, porque Cabralzinho concedeu a prerrogativa de vila ao povoado; segundo por se ter, neste ano, ali realizado a primeira feira, sob a gameleira citada, e terceiro porque, ainda neste ano o Padre João José do Divino Espírito Santo celebrou a primeira missa na localidade, sob um galpão coberto de palha e onde nascera a atual matriz, a Igreja de Santo Antônio, padroeiro do lugar.

No ano de 1890 o povoado quase foi destruído por um surto de varíola. O pequeno cemitério quase não comportou os enterramentos. Mais tarde, no ano de 31, uma febre tifóide fazia muitas vítimas entre elas, Antônio Pacheco de Medeiros. No ano de 1943, a malária atacou de tal modo que a repercussão do fato chegou ao Rio, ao Serviço Nacional de Malária, que despachou para Lajedo centenas de guardas sob a chefia do Dr. Jefferson Carlos de Souza. Trouxe equipamentos modernos e uma disposição de erradicar a malária daquele lugar. Para tanto, concorreram Dom João da Mata Amaral, bispo de Niterói, filho de Lajedo, e José Homem, inspetor fiscal ali sediado.

Ainda conheci o professor Antônio Gerson Guaraná, professor em Lajedo do ano de 1890 a 1926. Uma professora que prestou serviços de alta relevância ao município Júlia Pacheco de Medeiros Costa. Os dramas que encenava, valendo-se dos alunos e de somente pessoas do lugar, atraíam, pela beleza e graça, gente de outras cidades porque a velha mestre era de pendoros artísticos inatos. Nunca aprendeu teatro, mas fazia arte pela arte.

Até aqui, um relato de um Lajedo que não conheci ou de que somente tive notícia.

Sobre fatos históricos de Lajedo contei com observações próprias e com as informações que nos dá o saudoso José Paulo Barbosa em seu livro *Álbum Histórico de Lajedo* que mereceu elogios do mestre Luís Gelgado em artigo no Jornal do Comércio.

Não conheci o patriarca Francisco Pacheco de Medeiros mas sim a casa de Dona Dondinha, sua viúva, onde ia todas as quartas-feiras para assistir missa, ver a feira do lugar ou receber minhas cartas, pois a velhinha era agente dos correios. Conheci José Pereira de Carvalho e sua mulher Dona Fulôzinha. José Pereira foi chefe do lugar com a ascensão de Dantas Barreto. Versátil, era fogueteiro, marceneiro, ferreiro, alfaiate, relojoeiro e farmacêutico. O mais singular era que ele exercia todas estas profissões simultaneamente. Progressista, fez para residir a melhor casa dali. Na qualidade de farmacêutico e leitor do Chernoviz, foi "médico", fazendo partos, cirurgias e clínica, conseguindo impor-se à confiança de todos em matéria de doenças. Na vida rural, outro elemento que gozou de muito prestígio foi Francisco Severino do Amaral. Sua esposa era Deolinda de Andrade Amaral. O velho era conhecido pela alcunha de "Seu" França e a mulher, Dona Dora. Eram pais de Dom João da Mata Amaral, de Manuel que era escritor, de Mamede, José, Maria, Tereza, Verônica e Francisca.

José foi meu colega do Ateneu Nazareno, em Nazaré da Mata, no ano de 26 quando Maria e Francisca estudavam, na mesma cidade, no Colégio de Santa Cristina.

A esta família devo um pouco do que sou na vida, graças sobretudo ao bispo Dom João da Mata Amaral

em cuja casa vivi alguns anos como hóspede, na minha infância.

Lajedo, como toda terra, tinha seus tipos populares. O mais curioso era o "boi mineiro", que puxava a carroça da Prefeitura adquirida por papai, quando nomeado primeiro Prefeito do lugar.

O boi era uma graça. Querido da meninada que nele montava percorrendo a rua inteira sem molestar ninguém. Só não podia ver alguém com uma espingarda ao ombro: enfurecia-se e partir para a agressão ao portador da arma.

Outro, foi "Contente", que nunca teve pouso, nem de noite, nem de dia, no inverso ou no verão. Dormia ao relento e suportava a canícula ou as trovoadas, sem aceitar abrigo das pessoas que tinham pena dele. A todo mundo pedia uma "molinha" que ninguém negava e o agradecimento era um sorriso aberto. Daí, a alcunha de "Contente" que lhe puseram. Havia também Manuel Penico que era conversador, mas ninguém lhe falasse em casar que a sua resposta era retirar-se aborrecido e dizendo: "Done-se prá's profundas dos infernos".

E existia também uma gordona, tão gorda de não poder andar. Quando lhe perguntavam o nome, uma, duas, dez vezes, ela dizia-o por inteiro, sem faltar uma palavra: Carta Maria Madrinha de Vela de Uso Coração Natureza do Ceu Pu-rí-tas, um purítas reforçado e puxado de quase não acabar de dizer. Eis aí um dado para enriquecer a coleção de nomes próprios pouco comuns do meu amigo Mário Souto Maior.

Lajedo não foi lugar calmo. Logo depois de proclamada a República, Manuel João Pereira, sub-delegado, foi fazer uma prisão em Jupí, que pertencia à ju-

risdição de Lajedo. Houve um tiroteio e mortes, além de muitos feridos no combate. Lajedo perdeu o privilégio de ser sub-delegacia, como castigo.

Falo da morte de Maria Eulália, prendada costureira, pessoa benquista pela cidade inteira, graças à sua popularidade. Um louco penetrou na sua casa, onde sempre era bem recebido, e matou-a a peixeiradas. Muito conhecida e estimada era a hoteleira Dona Inez Gonsalves, abatida por um indivíduo chamado José Pereira. Erro no seu processo, ensejou-lhe um *habeas-corpus* e do criminoso jamais se teve qualquer notícia. Falada também a morte que praticou "seu" Afonso: matou a esposa no último mês de gestação e uma criança de um ano. Desapareceu, dele não se tendo notícia e nem a razão do seu gesto, sabido que era um casal estimado na vila e que ele vivia muito bem com a sua mulher. Também muito comentada a loucura de outro Afonso que tocou fogo na palhoça e ficou na única porta de saída, de foice armada, tendo decepado a mulher e três filhos menores que fugiam às labaredas. Preso, não disse o motivo de sua atitude e, condenado, morreu na Casa de Detenção do Recife, sem jamais haver demonstrado arrependimento.

O crime mais comentado foi o assassinato do jovem Simpliciano Cardoso, sub-Prefeito e alto comerciante, aos 32 anos de idade, também por motivo ignorado. O crime misterioso se deu na noite de 28 de novembro de 1950. Preso o autor pela Polícia baiana, um ano depois, foi recambiado para Lajedo. No dia da formação da culpa, o preso era escoltado para o Forum quando, de repente, Lindalva Cardoso, viúva de Simpliciano, sai de uma casa e, sem dar tempo à polícia defender o réu, atirou na cabeça dele, prostando-o sem vida. Na confusão, um soldado da escolta atira em Lindalva, mas erra e

mata um companheiro. A confusão foi tremenda e quase se dá uma hecatombe. Esta cena marcou a cidade. Felizmente daí por diante, passou a reinar clima de paz e segurança na localidade, cujo progresso, nas letras e no comércio é de molde a causar satisfação aos seus filhos.

Antes de ser cidade, Lajedo foi Paróquia. Quando seminarista, exerci muita influência junto aos bispos de Garanhuns para que tal coisa acontecesse. Não consegui o meu intento, mas vi-o realizado a 16 de fevereiro de 1941 numa festa de muita repercussão. Estavam presentes dois bispos: o titular diocesano, D. Mário de Miranda Vilas Boas e D. João da Mata Amaral, filho da terra. Mais dois padres assinaram o livro de ata, o Padre Otávio Aguiar (pároco de Limoeiro) hoje bispo de Palmeira dos Índios e o Padre Avelar Brandão Vilela, agora cardeal de Salvador. Outra figura importante presente foi Dom Jerônimo de Sá Cavalcanti. Assinei o livro, juntamente com Guilhermino Virgulino de Sobral, Dr. Antônio Dourado Cavalcanti e José Firmino Burgos.

O primeiro pároco de Lajedo foi Artur Silvestre que recebeu batina comigo no dia de N. Senhora do Carmo, em 1925, cabendo a D. João Tavares de Moura a bênção dada ao grupo de 16 seminaristas.

Depois de Paróquia, Lajedo ficaria completa com a sua elevação ao posto de cidade.

Também, aí, tive minha cota de trabalho. Era deputado estadual Heráclio do Rego e a meu pedido ele apresentou à Câmara projeto que se tornou vitorioso. A Lei 377, de 24 de dezembro de 1948, assinada pelo Governador Barbosa Lima Sobrinho desmembrou o distrito de Lajedo do município de Canhotinho. No ano seguinte, a 19 de janeiro Guilhermino Virgulino de Sobral (meu pai) assumia as funções de primeiro prefeito do novo

município. Justo reconhecer o trabalho do Dr. Armando Monteiro (sênior) ao tempo, também deputado estadual e do seu cunhado, o Dr. Antônio Dourado Cavalcanti, médico da localidade. No governo de Agamenon Magalhães Lajedo viria a beneficiar-se pela escolha do Dr. Armando Monteiro Filho para a Secretaria de Viação e Obras Públicas. Inúmeros benefícios deve Lajedo a este Secretário como, por exemplo, serviço de abastecimento d'água, calçamento, prédios para a Coletoria e Unidade de Saúde, estrada ligando-nos a Caruaru e a Garanhuns, e mais uma série interminável de serviços.

A Capela do Socorro, vem do ano de 1928, quando dois bons lajedenses escaparam de morrer num desastre de caminhão. No auge do perigo, Antônio Pacheco de Medeiros e Manuel Ferreira da Silva (Manecão) se comprometeram a erguer um nicho em homenagem a N. S. do Perpétuo Socorro se sobrevivessem. Não sofreram um arranhão.

Deram começo às obras, mas, sacudida a fé do povo pelo então seminarista Antônio Vilaça, partimos de um nicho para uma igreja. É, hoje, quem for a Lajedo, verá uma bonita capela, a conhecida Igreja do Socorro, pela qual papai e mamãe tanto trabalharam. Mas, tiveram a recompensa do seu esforço. Tendo minha mãe falecido em 28 de março de 1958, aos 68 anos de idade, o Padre Emílio Lins de Paiva permitiu que ela fosse sepultada na Capela como homenagem ao muito que realizou pela casa de orações.

Mais tarde, ao falecer meu pai, a 11 de abril de 1973 com 94 anos, o Mons. Tarcísio Falcão voltou a conceder-lhe o privilégio de enterrar-se ao lado de mamãe na mesma capela. A imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que ali se venera desde a fundação é tida como milagrosa e, tanto eu como Evalda, não vamos a Lajedo

sem dispensar uma visita à igreja, não só por estarem ali sepultados os meus pais, como, também, para agradecer à santa as benesses que nos tem concedido.

Recordo que, no ano de 1922, um estrondo abalou as casas da vila, embora não derrubando nenhuma delas. Mas o pavor que causou à população foi sobrenatural. Viria, em 1944, outro acontecimento marcante: um raio matou José Amaro e Antônio Caitano; rachou diversas casas e quase derruba a Igreja. Atribui-se o fato à inexistência do pára-raios na usina elétrica local. Muitas pessoas receberam fortes descargas elétricas e contava José Paulo Barbosa que, indo à Igreja do Socorro, papai chegou a tempo de evitar um incêndio, pois a toalha do altar-mor estava sendo devorada por enorme labareda.

Lajedo já teve duas bandas de música: uma do ano de 35 e se chamava Vinte e Cinco de Junho. Chegou a fazer tocatas em festas religiosas e mesmo a excursionar por cidades vizinhas de maior porte. Extinguiu-se, mas outra surgiu, de vida efêmera, a Vinte e Um de Dezembro fundada no ano de 56.

Lembro com muita satisfação a festa que se realizou em Lajedo no ano de 66, quando se comemorou o Jubileu de Prata da Paróquia. A um jantar de duzentos talheres compareceu o Governador Paulo Guerra e lá estavam presentes Dom José Adelino Dantas, titular da Diocese e D. Acácio Alves, bispo de Palmares, além de mais de cinquenta sacerdotes. Foi orador oficial o Dr. Armando Monteiro Filho. Circulou o jornalzinho Jubileu que publicou interessante artigo de Washington Medeiros, intitulado Velho Sino. Neste dia substituíram o sino da época da inauguração da Capela por outro maior e de melhor qualidade. Washington citou todos os nomes de pessoas por quem o velho sino dobrou como também pelos fatos mais importantes por ele anunciados. E lá estão

os nomes de Alfredo Cordeiro e de Paulo Siqueira que sabiam, como ninguém, falar pela boca do velho sino anunciando missas mensais, enterros de "anjinhos" ou de velhos. Anunciava as missas de natal e as passagens de ano.

O velho sino tocou no sepultamento de mamãe, de Antônio Pacheco de Medeiros, José Pereira de Carvalho, Simpliciano Cardoso e Capitu.

Lembro-me da luta de Napoleão Teixeira para que no ano de 34, a estrada Caruaru-Garanhuns cortasse Lajedo e nos trouxesse o progresso. Do motor de um carro Buick, o primeiro a fornecer luz elétrica à vila, pelo arrojo de Luiz Felipe de Andrade. Um "possante" motor a gás-pobre que Luiz Sobral instalou, logo depois, iluminou a vila com o uso de lâmpadas incandescentes.

O Clube Diversional de Lajedo teve como um dos seus idealizadores meu irmão Pedro Vilaça, escrivão da Coletoria Estadual, ao lado de João Amorim Barros. A posse do Dr. José Martins de Souza Leão como primeiro juiz de Direito, aconteceu a 19 de janeiro de 1949.

Naquele tempo havia o cargo de Juiz Preparador. Papai foi o primeiro a exercer tal cargo em Lajedo e, eu, por coincidência, no mesmo tempo, exerci a mesma função em Limoeiro, nomeado por Agamenon Magalhães e Arnóbio Tenório, por indicação do Juiz Dr. Pedro Francisco Cabral de Vasconcelos.

O primeiro serviço de abastecimento d'água funcionou no ano de 52. Precário, pela falta de fontes potáveis nas imediações.

Vale recordar os nomes de alguns prefeitos, pelo fato de papai haver sido o primeiro deles. Foi substituído por José Nonato de Oliveira, vindo a seguir, o Dr. An-

tônio Dourado, José Burgos, Francisco Rosa, Clementino Lima, Francisco Paulo e, mais recentemente, outros que tiveram o bom senso de acelerar o progresso de Lajedo para não desmerecer os seus antecessores.

É assim, ou foi assim Lajedo, a terra onde vim ao mundo e pela qual batalhei bastante para fazê-la paróquia, para elevá-la a município, para fundar ali a primeira Cooperativa confiada a Dr. Antônio Dourado e ao meu primo Manuel Vilaça. Foi a Cooperativa durante certos anos motivadora do progresso local, inclusive gerindo seu serviço de iluminação pública.

Uma das mais antigas lembranças de minha infância, foram os acontecimentos de Lajedo e de Canhotinho, durante 1915 e 1916, quando eu tinha apenas dois anos de vida, comentados, e alarmantemente, pelo meu pai que, impressionado fazia dos acontecimentos o seu assunto de todas as rodas formadas à boquinha da noite, no alpendre de nossa casa de campo, no Sítio Kágado cujo nome tentamos, inutilmente mudar para Bela Aurora. É que o nome Kágado soava mal e dava lugar a transposição de acento.

No dia 20 de novembro de 1915, a vila de Lajedo foi teatro de uma cena bárbara. Policiais inconseqüentes fuzilaram Capitu e seu filho Anum, depois da intimação rápida de que se entregassem à prisão, não obedecida.

Aos 16 dias de fevereiro do ano seguinte num sábado, à noitinha a cidade de Canhotinho seria teatro de outra cena selvagem: Teteu, filho de Capitu, sem qualquer conversa metralhou o suposto mandante da morte do seu pai e mais três pessoas que tiveram a infelicidade de fazer companhia ao chefe político Joaquim de Almeida.

Estes fatos lutosos abalaram o Estado. Claro que teriam de abalar, também, a região em que eles aconte-

ceram. Em outra coisa não se falava, sem que viessem à baila os acontecimentos terríveis. E nisto me criei ouvindo meu pai apavorado contar. Acontecia que ele era amigo íntimo de Capitu e se estivesse ao lado do amigo, teria fatalmente sido trucidado com o foram os que estiveram fazendo companhia a Joaquim de Almeida, vítimas sem ter qualquer ligação com os fatos, a não ser a amizade que tinham os litigantes de uma querela que deu em muitas mortes.

A história foi contada pela imprensa em artigos bem informados do Dr. Pedro Afonso de Medeiros, meu companheiro de lides cooperativas. Pedro Afonso foi testemunha dos acontecimentos. Também José Paulo Barbosa contou o que sabia no livro *Álbum Histórico de Lagedo*. E Costa Porto como nós, canhotinhenses, conhecido historiador, documentou os fatos com precisão de datas e dados no seu livro *Os Tempos de Dantas Barreto*.

Todo sábado pela madrugada, Papai saía a cavalo, em companhia de Capitu para a feira de S. Bento do Una. Duas horas da tarde, estavam de regresso chegando em casa, sempre pelas dez horas da noite. O velho dizia que era companhia agradável, a de Capitu, entretanto perigosa, pois se tratava de um homem com muitos inimigos e era esperada uma tocaia nas estradas estreitas que ligavam a vila à cidade de S. Bento, o que poderia eliminar os dois. Já se preparava o velho para a viagem do dia seguinte quando aconteceu o assassinato de Capitu e Anum.

Em resumo, foi o seguinte. Capitu, ou Claudino Pereira de Gouveia Torres Galindo, nasceu um ano antes de deflagrar a Guerra do Paraguai em 1864. Seus pais chamavam-se João Pereira de Gouveia Torres Galindo e Lúcia Pereira Gouveia Torres Galindo, mais conhecida

por Mãe Lúcia. O local do nascimento foi a vila de Glicério no município de Canhotinho. Viveu muitos anos em Belo Jardim onde, de uma união ilícita, lhe nasceu o filho Deocleciano, conhecido por Anum.

Conforme diz Costa Porto, "os filhos de Capitu tinham apelidos esquisitos, tomados à ornitologia", nomes que em carta, o descendente de Capitu, o dr. Severino Torres Galindo me informou com precisão. Ainda em Belo Jardim, no ano de 1887, casa-se Capitu com Bernardina Cordeiro de Azevedo e desta união nascem Gercina alcunhada Bem-ti-vi, em 2 de agosto de 1888, e sucessivamente, ano após ano, Olívio (Teteu), Maria (Jaçanã), Aristides (Tururi), Anatalícia (Rouxinol) e Alvina (Andorinha). Destes, faleceram Gercina e Alvina, cu como eram conhecidas, Bem-te-vi e Andorinha. Os demais estão vivos inclusive o pivô dos acontecimentos de Canhotinho, o Teteu.

De Belo Jardim onde se encrencara Capitu, desejando levar uma vida tranquila mudou-se para Lajedo, onde nasceram todos os seus filhos, menos Anum.

Não tardou pela sua liderança e valentia, tornar-se chefe político rosista. E, nesta prerrogativa, era absoluto. A lei era ele. Obedecido e temido, impôs a Lajedo um regime severo e de progresso. Mas, em 1911 o furacão dantista não deixou pedra sobre pedra, e Capitu foi destronado sendo difícil, quase impossível, arranjar-se-lhe um substituto. Ninguém queria arcar com o ônus de ser inimigo de Capitu. Mas, apareceu um herói: João Sobral, primo legítimo de papai. Logo se tornou inimigo de Capitu, que lhe pôs o apelido de "João Cambado".

Numa olaria nas imediações da cidade e de propriedade de Capitu, uma noite, uma vaca pisou telhas e tijolos expostos ao ar. O oleiro Zezinho de Santo, não teve dúvidas, a primeira vaca que apareceu foi coberta

pelo cacete de suas mãos vigorosas, chegando o animal ao terreiro da Fazenda, de chifre quebrado. Não tardou quem relatasse o acontecimento a Capitu que, de imediato, procurou Zezinho na olaria dando-lhe uma surra tremenda. Zezinho procurou a autoridade, no caso, o primo João Sobral, que era subdelegado da localidade.

Capitu sabendo da queixa apresentada à delegacia de Lajedo aonde se negou a comparecer para prestar esclarecimento e ser ouvido em autos de pergunta, mandou dizer a João Sobral que para ele, tinha uma surra preparada, do mesmo jeito que dera em Zezinho.

João Sobral sabia em que terreno pisava. Sabia também que não eram as melhores as relações entre Capitu e a Polícia porque, em 1909 seu filho Teteu dera umas facadas num soldado que o desacatara, querendo desarmá-lo, e o soldado terminou morrendo em consequência dos ferimentos.

Vai João Sobral para Canhotinho, a fim de relatar os fatos, dando-lhes cores fortes. Por sinal nem precisava de carregar muito nas tintas porque o chefe político de Canhotinho, Joaquim de Almeida, e o Delegado de Polícia, Félix Cantalice, dantistas, tinham Capitu atravessado na garganta. Era também inimigo rancoroso de Capitu o comerciante e prestigioso político de Angelim, Miguel Calado Borba.

Preparado o "angu" voltou João Sobral para Lajedo anunciando nas esquinas, "novidades" que estavam para acontecer. Capitu de tudo era informado. Mas não receiava seus inimigos. Na madrugada de 20 de novembro de 1915, chegam a Lajedo o "comandante" Quatro Quinas e os soldados Torrão de Gogo, Antônio Alves Feitosa e Damásio Pedrosa do Nascimento, dizem que, tendo na retarguarda Pedrão, um cabra que não envergava, a mando de Miguel Calado Borba.

Ao amanhecer do dia, em outra coisa não se falava e nada de bom se esperava na vila de Lajedo, onde se encontrava a tropa de bodega em bodega esquentando o quengo, dizendo claramente a que vinha: levar Capitu algemado para Canhotinho, a pé, como um preso vulgar.

João Pereira de Gouveia Torrès Galindo, pai de Capitu, era Tenente-Coronel, título conseguido na Guerra do Paraguai, onde lutara. Capitu lograra um posto além. Era Coronel da mesma Guarda Nacional. Vestiu a farda que seu pai honrou, e sem nada temer, foi abrir seu estabelecimento comercial, uma casa de três portas, na Rua de Santo Antônio, a principal da localidade. Eram oito horas, mais ou menos, quando a milícia se dirigiu para a casa de Capitu, de armas engatilhadas. Deu voz de prisão, mas Capitu alegando sua patente, retrucou que eles não podiam prendê-lo. Sem dar uma palavra, a polícia abriu fogo contra Anum que cai no chão, de cima de uma escada onde arrumava garrafas numa prateleira.

Enquanto uns atiravam em Anum, outros atingiam Capitu morrendo os dois na mesma hora. A polícia, então, continuou atirando nas prateleiras e o sangue das vítimas, misturado à "zinebra" e cerveja, veio para o meio da rua encharcar a via pública. A cidadezinha trancou-se, no tiroteio, e só se abriram as primeiras portas timidamente, no dia seguinte para o enterro das duas vítimas, quando os policiais já não se encontravam presentes, e o povo mais ou menos garantido por nova autoridade enviada de Canhotinho. João Sobral desapareceu, sabendo-se que o seu destino foi S. Paulo.

O Governador Dantas Barreto cruzou os braços. Teteu que andava foragido, acusado da morte do soldado, jurou vingança, no dia do enterro do seu pai e do seu irmão.

Num sábado, a 26 de fevereiro de 1916, depois da feira, era quase noite. Estava Joaquim de Almeida em Canhotinho relatando a seu irmão Osvaldo e ao tabelião Manuel Morel os acontecimentos do dia, quando inesperadamente, Teteu aparece acompanhado de três companheiros, e sem proferir palavra atira em Joaquim de Almeida e mata Morel e Osvaldo. Conta-se que Morel, era amigo íntimo de Teteu, a quem não desejava matar, fazendo-o por engano, ou talvez pela circunstância de liquidar quem estivesse em companhia do suposto mandante da morte de seu pai.

O Governador Manuel Borba não adotou a conduta do seu antecessor. Mandou cem praças para Canhotinho e o Juiz Luiz Correia de Oliveira, com carta branca para punir os culpados e dar a Canhotinho um clima de paz, pois em guerra se vivia, desde 1911, após a queda dos rosistas.

Hoje, somente vou a Lajedo por dois sentimentos: um religioso e outro familiar. Na Capela do Socorro estão sepultados os velhos e ainda no bairro moram duas irmãs, Maria e Hermínia. Não conheço se não um reduzido número de pessoas como Adalberto Alexandre, José de Sales Brasil, Dr. Dourado Cavalcanti, José Firmino Burgos, João Gomes e sua esposa Nair. Também, depois de cinquenta anos de ausência não poderia ser diferente. Mas de qualquer modo foi ali que nasci e um fato me faz querer muito bem à terra: foi que o Prefeito e a Câmara Municipal deram ao principal logradouro do bairro do Socorro o nome de Praça Cecília Vilaça.

Se outras razões não houvesse para minha benquerença, Lajedo merecia toda a minha gratidão pela homenagem prestada a minha mãe.